

A ORGANIZAÇÃO DE IDIOMATISMOS EM GRUPOS CONCEITUAIS NUM DICIONÁRIO ESPECIAL ONOMASIOLÓGICO

Huélinton Cassiano Riva
PG – UNESP (São José do Rio Preto)

Resumo: Propomo-nos elaborar um modelo de dicionário de idiomatismos em uma perspectiva onomasiológica, ou seja, as Els referentes a um mesmo conceito e que possuem relação de sinonímia integral ou parcial, serão agrupadas. Apresentaremos também as nuances que diferenciam um idiomatismo de outro, bem como concordâncias, tiradas de enunciados reais, em bases textuais eletrônicas.

Palavras-chave: onomasiologia, idiomatismo, sinonímia.

Abstract: Our purpose is to elaborate a dictionary of idioms onomasiologically organized. In other words, we grouped together idioms concerning to a similar concept and that have a total or partial synonymous relation. We also show the nuances to differentiate one idiom from another as well as real contexts taken from statements.

Keywords: onomasiology, idioms, synonymous.

1. Onomasiologia

De acordo com Babini (2001), o termo onomasiologia foi usado pela

primeira vez por A. Zauner em um estudo, nas línguas românicas, sobre os nomes das partes do corpo humano. Babini apresenta o verbete de Vitorio Bertoldi, responsável pelos artigos concernentes à lingüística, sobre onomasiologia, constante da *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, de 1935. Pela definição de Bertoldi, a onomasiologia é entendida como um aspecto particular de busca lingüística que, partindo de uma idéia determinada, examina os vários modos com os quais foi encontrada uma expressão na língua.

Baseado em Saussure, Ullmann (1964) propôs o conhecido triângulo que relaciona 'coisa', o 'sentido' e o 'nome'. No caso em que se considera a unidade lexical composta por forma e conteúdo, este esquema mostra que a significação liga o nome (a forma) ao conceito. O nome liga-se à coisa por meio do conceito. Há, porém, o caminho inverso, em que a designação vai do conceito ao nome (à forma), ou seja, o conceito é designado por diferentes nomes (diferentes formas).

Esse triângulo de Ullmann, apresentado já há muitos anos atrás, permite-nos compreender, principalmente, a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia. A significação que parte da forma (nome) para chegar ao conceito e a designação que parte do conceito para chegar à forma (nome).

Sobre essa interdependência, Baldinger (1966) propõe que "a posição no campo semasiológico determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico" e, por isso, o ideal seria representá-la por dois triângulos diferentes, para ilustrar que um dicionário de estrutura partindo da forma alfabética e outro partindo do conceito têm sua importância e, por vezes, se complementam.

Posteriormente Klaus Heger criticou Baldinger por ter mudado o sentido primário do triângulo de Ullmann e propôs o também já conhecido trapézio, que tem a vantagem de não desfazer a unidade do signo lingüístico (conjunto de significações ligadas a um mesmo monema). Trata-se de uma nova apresentação geométrica que não altera os resultados das pesquisas realizadas até então.

Baldinger (1966) esclarece que

A estrutura semasiológica (ou campo semasiológico) define-se como um grupo de sememas (=significações) ligado a um só significado que, por sua vez, se liga por consubstancialidade quantitativa a um só monema (mas ligado frequentemente a diferentes sistemas conceptuais). A estrutura onomasiológica (ou campo onomasiológico) define-se como um conjunto de sememas (=significações) ligado a um só conceito - que é determinado por sua posição num

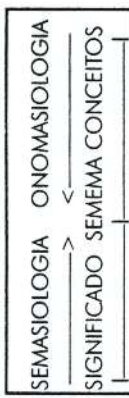
sistema conceptual - mas, fazendo parte de diferentes significados, ligados por consubstancialidade quantitativa a diferentes monemas.

Para ele (op. cit.),

a onomasiologia estuda igualmente uma estrutura, isto é, as posições recíprocas das diferentes designações e por isto reconhecemos, como no caso da estrutura semasiológica, um centro de um ou de diversos pólos com um campo objetivo, afetivo ou misto ao seu redor.

Baldinger acrescenta, ainda, que a estrutura onomasiológica, diferentemente da semasiológica que é baseada na polissemia, baseia-se nas relações sinonímicas pois, adota a perspectiva daquele que fala, "daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão". Já a semasiologia prefere a perspectiva daquele que ouve, ou seja, o próprio interlocutor deve determinar, dentre todas as significações possíveis de uma unidade lexical, a que ele entende como resposta à sua dúvida.

Segundo o esquema de Heger (1965), o ponto de partida do percurso semasiológico é o significado de um monema (unidade mínima dotada de significado), enquanto que no percurso onomasiológico acontece o inverso, pois se parte dos conceitos ou semas para encontrar os diferentes monemas:



Pottier (1992) propõe-nos um interessante modelo do processo

gerativo da enunciação, segundo o qual o ponto de vista se situa no enunciador (ou emissor) na direção onomasiológica, em que se vai da intenção de dizer ao enunciado, ao contrário da direção semasiológica, que vai do enunciado à sua interpretação.

O enunciador tem, então, como ponto de partida o mundo referencial. Na medida em que intenciona dizer algo, ele começa a conceitualizar sua intenção. Essa conceitualização deve, pois, ser posta em signos por meio de um processo de semiotização. A essa passagem, da conceitualização à semiotização, Pottier chama de fenômeno de designação, fenômenos nos quais se estabelecem relações entre o mundo referencial e os sistemas de línguas naturais. E a enunciação é, como se vê, a passagem das virtualidades da língua ao discurso realizado.

Sousa (1995) entende que a onomasiologia parte de uma noção, um objeto determinado, e se propõe a estudar comparativamente os caminhos que essa noção seguiu até chegar a uma palavra ou expressão. Processo semelhante ocorre quando lidamos com grupos homogêneos de noções (como partes do corpo, relações de parentesco, hierarquias militares etc.) presumindo que dentro de cada grupo, as mudanças de significação se produzem com frequência e produzem certos caracteres comuns.

No que se refere ao dicionário onomasiológico, que parte de conceitos e de determinadas matérias para indicar o termo que corresponde a eles, em virtude das relações mútuas existentes entre esses conceitos, muitas vezes é denominado dicionário de conceitos,

dicionário de matérias, dicionário analógico ou dicionário ideológico.

A onomasiologia refere-se a aspectos ligados à denominação, pois parte da idéia ao signo, e os estudos sobre a onomasiologia desenvolveram-se principalmente no domínio das línguas românicas. Nesses estudos, o ponto de partida era, geralmente, o latim, que serviu para definir as noções utilizadas para comparar as diferentes línguas românicas.

Acerca da produção de um dicionário onomasiológico, Baldinger (1966) diz,

a onomasiologia (em combinação com a evolução estrutural sobre o plano dos conceitos, sugerida sobretudo por Coseriu) que promete realmente resultados novos. Ela nos faz ver a estrutura lexical de uma só e mesma língua e possibilita a comparação entre diferentes línguas numa base estrutural. (...) A onomasiologia estuda a realização lingüística de conceitos em qualquer domínio do léxico (e mesmo em todos os domínios da língua, desde que se trate da primeira articulação).

Para Babini (2001), o dicionário onomasiológico deve resolver o problema inverso do de um dicionário semasiológico, ou seja, para uma idéia (noção ou conceito) conhecida, procura-se a unidade lexical ou termo que o exprime. Um dicionário onomasiológico, ou de perspectiva onomasiológica é, portanto, um repertório no qual se pode passar da idéia (noção ou conceito) à unidade lexical.

Embora os dicionários conceituais, como são os onomasiológicos, não sejam tão abundantes quanto os dicionários formais, há que se ressaltar que ocupam um lugar muito importante

no quadro dos repertórios lexicográficos, justamente por oferecerem informações de um viés oposto ao das obras semasiológicas.

Babini (op. cit.) analisa o *Dictionnaire Onomasiologique des Langues Romanes* de Henry Vernay e mostra que o autor se propõe a elaborar um repertório lexical, comparando as diferentes línguas românicas de um ponto de vista sincrônico e utilizando-se de um método onomasiológico e não somente de um trabalho etimológico.

Segundo Babini (op. cit.), não há apenas um mecanismo para se elaborar uma obra de expressão onomasiológica, pois ele pode variar e assumir diferentes formas dependendo do repertório a ser tratado. Em outras palavras, no que diz respeito ao percurso que permite encontrar uma unidade lexical ou terminológica com base em seu conteúdo semântico (idéia ou noção), Babini afirma que há seis possibilidades: a) pelo sistema nacional ou plano de classificação das idéias (conceitos) apresentando-os no início das obras; b) pela classificação sistemática das entradas; c) pelo conteúdo semântico das entradas; d) pela sinonímia; e) pela antonímia; f) pela analogia.

A organização de um dicionário não é feita como a de outros textos, ela segue uma arquitetura particular dispondo-se vertical e horizontalmente. A estrutura horizontal é chamada de microestrutura e a vertical de macroestrutura.

Assim, no nível da macroestrutura podemos constatar a frequência de determinada unidade lexical e assim, decidir sobre sua inserção ou não no dicionário. Dentro da microestrutura de um dicionário podemos encontrar,

dependendo do tipo de obra que se está consultando, a transcrição fonética ou pronúncia, a etimologia, as propriedades sintáticas, as acepções, as restrições de uso, as colocações, entre outras.

Sempre que possível, tanto a macro quanto a microestrutura devem tentar abranger todos os percursos onomasiológicos. Por isso, é preciso realizar um grande trabalho de sistematização do léxico de uma língua ou de um vocabulário de um determinado domínio.

A fim de analisarmos uma obra lexicográfica que revela o percurso onomasiológico, tomemos como exemplo o *Dicionário analógico da língua portuguesa*, do Padre Carlos Spitzer, produzido em 1936. Constatamos que, embora tenha sido idealizado na primeira metade do século XX, houve uma grande preocupação quanto à coerência na apresentação das entradas, 688 no total, para que existisse uniformidade na obra que foi organizada analogicamente.

Para ratificar essa preocupação com a coerência na produção de um dicionário, Spitzer (1936) nos diz:

é próprio do sábio e do filósofo abarcar os conceitos gerais duma multidão de coisas reduzindo tudo a mais rigorosa síntese, para logo, espraçando-se, selecionar e dividir, e tornar depois a agrupar as partes em torno das novas divisões, até esgotar todos os meios disponíveis e próprios para a realização do objetivo escolhido.

O autor da obra traz um interessante "Plano de Classificação", no qual apresenta "todo o vasto e complexo

mundo das idéias, reduzindo-as e sintetizando-as no estreito âmbito das categorias filosóficas"; em seguida reduz as seções em idéias gerais e finalmente agrupa as palavras e locuções de nossa língua.

Spitzer (op cit.) esclarece que se propôs a colecionar as palavras e locuções da língua, não as dicionarizando alfabeticamente, mas partindo das palavras para as idéias, associando-as pela ligação ideológica e partindo das idéias para as palavras e locuções. Acrescenta também que, a obra teve a finalidade de apresentar "a palavra ou locução que se ignora ou que fugiu da memória e não dar a explicação ou sentido da palavra ou locução. Para esse fim existem os dicionários comuns".

Familiarizar-se com o "Plano de Classificação" da obra de Spitzer facilita a pesquisa e faz com que o leitor assimile as associações existentes entre as seis classes apresentadas (I - Relações abstratas; II - Espaço; III - Matéria; IV - Faculdade cognoscitiva; V - Faculdade volitiva e VI - Faculdade afetiva), e os 688 subgrupos referentes a essas seis classes. O autor ainda subdivide os 688 subgrupos em substantivos (S.), adjetivos (A.), e verbos (V.) para que o consultante apresse sua consulta procurando também pela categoria gramatical.

2. Os idiomatismos em uma perspectiva onomasiológica

O mais interessante na obra do Padre Carlos Spitzer é que, embora seja de 1936, abarca muitas EIs e as relaciona com os grupos e as classes apresentadas, mostrando-nos que o

percurso onomasiológico é muito importante quando a dúvida não se restringe à busca de uma paráfrase ou de um sinônimo.

Por exemplo, as EIs ser da mesma farinha, ser pau da mesma ginjeira, ou ser da mesma panelinha estão dentro da categoria verbo (V.), dentro da subdivisão Igualdade na espécie (15.), que integra a Seção II (Relação), que faz parte da Classe I, a de Palavras que exprimem Relações Abstratas.

É importante observar, contudo, que essa obra pode não apresentar determinada EI como é usada nos dias de hoje, mas trata-se de um inventário feito de maneira muito apurada e moderna para seu tempo.

Assim, o consultante que procurava sanar sua dúvida acerca do significado da EI ser da mesma farinha ainda

encontrava outras EIs equivalentes e fazia a escolha quanto à melhor significação da expressão, com sinônimos apresentados também na subdivisão Igualdade de espécie. Observe-se como foram apresentadas as EIs citadas no dicionário em questão:

15. **Igualdade na espécie** - S. (substantivo) *igualdade, uniformidade, conformidade, homogeneidade, homologia, concórdância, consonância, harmonia*; V. (verbo) *concordar, harmonizar-se, convir, conformar, igualar, homologar, são da mesma panelinha, são paus da mesma ginjeira, estar parelho, fazer parelho, correr parelhos, emparelhar, ser da mesma farinha, espécie, casta, raça*; A. *conformidade, igual, uniforme, homogêneo, homólogo, harmônico, de uma peça, da mesma massa, cré com cré, lé com lé; tal ou qual, uma espécie de.*

De maneira geral, no que concerne aos idiomatismos, há no mercado

inúmeras obras lexicográficas, que dão tratamento semasiológico a essas unidades fraseológicas. Assim, idiomatismos que têm o mesmo significado geralmente não são inter-relacionados. Por exemplo, as *Els* *bater as botas*, *dormir o sono eterno* e *fazer viagem sem chapéu* que significam 'morrer' são apresentadas em diferentes entradas e, seja pela ordem alfabética da primeira palavra ou pela palavra-chave da expressão, ficam distante umas das outras.

Nesse caso, o consultante tem por objetivo apenas sanar sua dúvida com relação ao significado do idiomatismo apresentado. Para um tradutor, porém, muitas vezes, o interesse maior é encontrar uma *El* na sua língua-alvo que se aproxime do idiomatismo da língua-fonte em um dicionário semasiológico, não há como estabelecer essas relações.

Tanto a *El* *comer o pão que o diabo amassou* quanto *sofrer como um condenado*, significam 'sofrer' e poderiam ser agrupadas nesse conceito. Em sua busca, além de o consultante chegar à informação desejada com relação ao significado do idiomatismo ele encontraria, ainda, uma gama de informações que certamente enriqueceriam sua consulta.

Em um dicionário de língua geral, de percurso semasiológico, como é o caso da maioria dos dicionários que estão atualmente no mercado, encontrar uma *El* pode ser um trabalho árduo. Quando a obra prefere contemplar o idiomatismo por uma de suas palavras-chave fica, às vezes, difícil saber em que verbete encontrará-lo, pois há expressões que não possuem apenas uma palavra-chave, como é o caso de

estar com um nó na garganta, portanto, em qual verbete encontraríamos tal expressão? Buscando em *nó* ou em *garganta*? Além disso, quando encontramos a *El* procurada não temos a chance de relacioná-la a outras *Els* que, em muitos casos, poderiam ajudar no esclarecimento da dúvida ou até substituí-la, se o interesse fosse encontrar um idiomatismo sinônimo ou um equivalente mais próximo ao procurado.

No caso de nossa pesquisa, optamos por utilizar o percurso onomasiológico para elaborar um dicionário especial de *Els*, porque julgamos importante apresentarmos as relações existentes entre os diferentes idiomatismos que se referem a um mesmo conceito ou as relações de sinonímia existentes entre eles, ao invés de apenas inventariarmos o maior número possível de idiomatismos, tão abundantes na língua oral e escrita.

Embora muitas *Els* sejam sinônimas por terem basicamente o mesmo significado, atentamos para as nuances que diferenciam uma a outra e, assim, pudemos constatar que o uso é regido por essas sutis diferenças. Por exemplo, embora as *Els*, *ser mão fechada*, *ser seguro*, *avarento como um turco*, sejam usadas para caracterizar aquele que é 'sovina', elas possuem diferenças que determinam seu uso. Em *ser mão fechada*, há a referência ao ato de segurar e reter o dinheiro nas mãos, além de manter uma relação de antonímia com a *El* *ser mão aberta*, enquanto que *ser seguro* não tem sentido pejorativo e faz referência àquele que controla seus gastos e é econômico. Já na *El* *avarento como um turco* há uma marca cultural no que se refere a

'turco', relacionado, no Brasil, à sovinice.

Para Caramori (2000),

As expressões idiomáticas comportam-se como se estivessem em uma roda (roda temática), de mãos dadas: virar uma *lira* pode parecer mais assustador do que ficar uma *arara*, mas, em determinados contextos, elas serão facilmente intercambiáveis. Mais arriscado ainda é dizer até onde vão os semas de cada uma delas que se comportam como *laranjas nas mãos de um malabarista*, ora agarra um deles, ora todos, ora deixo-os em movimento (ficar de bico calado, ora em silêncio, ora em segredo, ora silêncio e segredo).

3. Levantamento dos idiomatismos e apresentação dos conceitos aos quais se referem.

Com base em um levantamento de 6500 *Els* em língua portuguesa do Brasil determinamos, por meio dos principais dicionários de língua, gerais ou especiais, o conceito veiculado a cada idiomatismo e chegamos ao número de 1.100 conceitos.

O que nos interessou foi identificar os conceitos mais adequados a cada *El* e não determinar de um conceito mais genérico e englobalizador, porém, não deixamos de reduzir o número de conceitos nos casos em que determinados idiomatismos referiam-se a um conceito mais abrangente ou a conceitos sinônimos. Por exemplo, para idiomatismos que se referiam a 'iniciar' ou a 'começar', optamos pelo segundo por considerá-lo mais usual, o mesmo aconteceu com 'atenuar' e 'suavizar', em que optamos pelo primeiro.

Com isso pudemos identificar inúmeras particularidades concernentes à fraseologia da língua portuguesa do Brasil.

Observamos, por exemplo, que há um número maior de *Els* que manifestam características que exprimem a negatividade do homem e de seu comportamento, como desvios de caráter, sentimentos negativos, preconceitos, má conduta etc, do que *Els* que exprimem seu lado positivo.

Para o conceito de 'embriaguez', encontramos os idiomatismos, *afogar as mágoas*; *andar trançando* (as pernas); *bêbado como um cacho*, — *gambá*; *beber como uma esponja*, — *um funil*, — *um odre*, — *um porco*, — *um tonel*; *beber um gole*; *bom de copo*; *chamar Jesus de Genésio*; *chapar o globo*; entre outros, enquanto que para o conceito de 'sobriedade' encontramos um número muito reduzido de *Els*, como, *controlar o vício*; *em abstinência*; *estar limpo*; *ficar são*; *livre da malícia*; *parar de beber* etc.

O mesmo ocorre com o par dicotômico 'morrer' / 'viver', em que há muito mais idiomatismos que se referem ao conceito de 'morte', e seus subconceitos como 'assassinato', 'caixão', 'cemitério', 'suicídio' etc, do que ao conceito de 'vida', e seus subconceitos, como 'infância', 'nascimento' etc. Isso ocorre, essencialmente, porque a morte na cultura latino-americana é vista sob uma ótica negativa e, por isso, é comum o surgimento de idiomatismos eufemísticos, enquanto que para o nascimento e a vida não há a necessidade de eufemismos para descrevê-los.

Para o conceito 'morte' encontramos as seguintes Els: a gente (o corpo) não vale (mesmo) nada; a pés juntos; a sete palmas abaixo (debaixo) da terra; abotoar o paleó; acabar de matar; alma penada; banhado num mar de sangue; bater as botas, — coçuleta, — canastra, — com o rabo na cerca, — trinta e um (sete); cidade dos pés juntos; com a boca cheia de formigas; entre outros.

Já para o conceito 'vida' encontramos, conhecer o mundo; com o coração batendo; dar sinal de vida; ir vivendo; levar a vida; primeira infância; vera luz do dia; vir à luz (do mundo) etc.

Como nossa pesquisa sustenta-se em um levantamento com propósitos contrastivos optamos por dez pares dicotômicos em que os dois conceitos são significativos por abarcarem um número de, no mínimo 20 idiomatismos.

Em vários casos, o número de Els referentes a um dos conceitos do par selecionado, constatamos um número muito maior de idiomatismos como, por exemplo, para o par 'agressividade' / 'serenidade'. Para o primeiro conceito levantamos cerca de 110 Els, enquanto que para o segundo, por volta de 20.

4. Conclusão

Podemos concluir que o agrupamento onomasiológico proposto dos idiomatismos que apresentaremos certamente virá a ser muito útil ao consulente, seja ele um consulente comum à procura dos significados das expressões, seja ele um interessado em saber qual expressão melhor se encaixa na resposta à sua dúvida.

Um dicionário de idiomatismo da língua portuguesa do Brasil em uma

perspectiva onomasiológica é extremamente útil por facilitar que se estabeleçam as relações analógicas intralinguais existentes entre os idiomatismos. É, pois, por meio dessas relações analógicas que noções de um mesmo domínio poderão ser agrupadas em conceitos.

Referências Bibliográficas

BABINI, M. *Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques*. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.

BALDINGER, K. *Semasiologia e onomasiologia*. Trad. Ataliba T. de Castilho. Alfa (São Paulo), v.9, p. 7-36, 1966. Original francês.

CARAMORI, A. P. *É o bicho: é bestiale dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respectivas listas temáticas*. São Paulo, 2000. Tese (Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura Italiana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas — Universidade de São Paulo.

HEGER, K. *Teoría Semántica: hacia una semántica moderna*. vol. II. Madrid: Alcalá, 1974.

POTTIER, B. *Sémanitique générale*. Paris: PUF, 1992.

SOUSA, J. M. *Dicionario de lexicografia prática*. Barcelona: Vox, 1995.

SPITZER, C. *Dicionário analógico - tesouro de vocábulos e frases*

da língua portuguesa. São Paulo: Globo, 1936.

ULMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.